

CASTELOS DE AREIA: O TURISMO DE LITORAL EM CANASVIEIRAS – 1930.

Suzana Bitencourt*

Resumo

Este artigo pretende refletir sobre a inauguração de um hotel ocorrido em 1930 na praia de Canasvieiras, tomado como marco fundador dos incentivos públicos para do turismo de litoral na Ilha de Santa Catarina.

Palavras-chave: Turismo – Urbanização – Políticas Públicas – Hotelaria.

Abstract**

This article intend to reflect about the inauguration of a hotel occurred in 1930 in Canasvieiras' beach took as the most important base mark for the public incentive for coastal tourism in Santa Catarina's Island

Keywords: Tourism – Urbanization – Public Politics – Hospitality Service.

No início do século XX em Florianópolis, a primeira estação balneária conhecida era a Praia de Fora, onde atualmente acha-se a Avenida Beira Mar Norte, ou Avenida Rubens de Arruda Ramos, e “os capitalistas” que tinham casas naquele sítio, como mostra o jornal *O Estado*, em 1911¹ eram: “Schutel, Vilela, Alves de Brito, Trompowsky, Pamplona, Vinhas, e Hoepcke”. Todavia, não se tratavam propriamente de casas de praia, eram moradias que sinalizavam uma diferenciação social, uma vez que nas imediações do centro da cidade, como na Praça XV e no cais do porto Rita Maria, as águas eram insalubres, além de serem moradia dos populares.

Estudos de pesquisadores contemporâneos² dão conta que os habitantes da Ilha de Santa Catarina, na época dos primeiros anos do século XX, possuíam práticas consideradas atualmente insalubres em relação ao mar. Os moradores

* Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

** Tradução: Maty Gueye.

jogavam dejetos humanos nas águas, sendo que havia um código de postura indicando o horário adequado para que tais procedimentos fossem levados a cabo pelas famílias. Por muito tempo em Florianópolis, as casas foram construídas com os fundos voltados para a praia e aí se despejava toda a sorte de detritos. O mar atrás de casa era usualmente ocupado como um local particular das famílias. Tanto que ainda no fim do século XIX, precisamente em 1889 um médico escreveu uma carta para Virgílio Várzea que dizia o seguinte: “se as casas da Praia de Fora tivessem a orientação arquitetônica moderna, esta praia recordaria o Golfo de Nápoles”.³ A percepção do médico viajante, sugere que Florianópolis ainda não havia mergulhado na modernidade percebida em outros centros urbanos, especialmente da Europa Ocidental. De fato a população de Florianópolis, não havia despertado para o uso do mar de maneira diferente do que se apresentava até a virada do século XIX para o século XX. Como demonstrou o historiador Sérgio Luiz Ferreira, outrora o banho de mar em Florianópolis constituía-se muitas vezes uma prática condenável:

No século XIX, quando Florianópolis ainda se chamava Desterro, o mar não era lugar de banhos. Pelo contrário, tal prática provocava escândalos (...) No dia onze (...) em alto dia foram lavar-se na Praia de Fora, quatro pessoas (...) o inspetor de quartirão os fez ver que o Art. 86 do Código de Posturas Municipais lhes proibia semelhante abuso.⁴

As casas construídas na Praia de Fora continham certa distinção social em relação às demais partes da cidade, eram posicionadas de maneira que o mar tinha uma função diferente da atualidade. Os hábitos de piqueniques que ocorriam desde o início do século XX, como atesta o jornal *Terra Livre* de 1919, “um piquenique de rapazes e moças em Canasvieiras (...) hão de ter grande alegria de conhecerem um magnífico trecho dessa ilha”⁵, não implica em admitir que esses jovens estavam em trajes de banho, envolvidos pelas águas cálidas do mar. As populações litorâneas no Brasil levaram um bom tempo para adquirir o hábito de frequentar a praia com outra finalidade, se não apenas os afazeres relacionados ao trabalho.

Contudo, a construção de um hotel iniciado em 1930 na beira da praia de Canasvieiras alterou, ainda que paulatinamente, a percepção dos florianopolitanos em relação ao mar, como se pretende demonstrar neste artigo.

Antiga Freguesia de Nossa Senhora do Desterro, a história de Canasvieiras remonta a colonização portuguesa do litoral sul do Brasil. Em meados do século XVIII, com a intenção da Coroa lusitana de marcar seu domínio territorial, a localidade recebeu uma leva de ocupantes do distante arquipélago dos Açores.⁶ Desde os “primeiros tempos” até as primeiras décadas do século XX, a

economia local girava em torno da pesca e da agricultura. Os produtos como a mandioca, a cana de açúcar, a cebola e o café tinham também outro destino; uma parte era retirada para o consumo das famílias, outra se destinava à venda para os atravessadores ou eram transportados até Florianópolis para serem comercializados no mercado público, onde alguns moradores de Canasvieiras tinham ponto de comércio alugado. Assim faziam escoar a produção da comunidade para Florianópolis e daí para as demais regiões do Brasil. A pesca de maior porte funcionava sob o sistema de “parelhas”, isto é o proprietário dos instrumentos de pesca, inclusive do barco, contratava outros homens e quando retornavam do mar o pagamento desses contratos, quase sempre era na forma do resultado do trabalho, ou seja, o próprio peixe. Uma vez separada a quantidade necessária para guarnecer a família, o excedente era comercializado.

Antes da construção do hotel na beira da praia de Canasvieiras, a cidade de Florianópolis ainda não possuía esse tipo de estabelecimento, mas apenas pensões que possuíam conotações diferenciadas em termos de hospedagens. Os moradores de Canasvieiras ao narrarem suas relações de trabalho quando estas dependiam do centro da cidade, lembraram que dormiam em hospedarias. É o que narrou a senhora Adelina Severiana Bitencourt⁷: “papai, por exemplo, às vezes ficava a semana toda fora de casa, ele costumava ficar numa pensão em Florianópolis”. Canasvieiras, por sua vez, conheceu uma hospedaria por volta de 1920, como mencionou o senhor Pedro Alípio Calazans: [havia um] “hotel que a gente chamava do Hotel do Seu Zé Zifira, um hotel antigo, espécie de pensão. Então, alugava um quarto para pessoa solteira, um viajante”.

A cidade de Florianópolis conheceu seu primeiro hotel com vistas a receber turistas, apenas a partir de 1928, construído no centro em plena Praça XV de Novembro. Tratava-se do Hotel Majestic cuja obra foi inaugurada em 1930. O Folder de propaganda do hotel dizia o seguinte:

Florianópolis em festa inaugura orgulhosa o seu Hotel Majestic, que passou a hospedar em suas luxuosas instalações, os mais importantes visitantes da capital do estado, e a atrair turistas ‘abastados’ de várias regiões do estado e do país (...) o primeiro prédio de concreto armado de Florianópolis, uma avançada obra da engenharia para a sua época [...] o cimento estrangeiro, chegava ao porto em barricas.⁸

O Hotel Majestic no centro da cidade de Florianópolis e o Hotel Balneário de Canasvieiras, na região norte da ilha de Santa Catarina, foram construídos no mesmo ano e conquistaram a atenção do público letrado através dos jornais da época. Apesar da distância geográfica que os separava e as dificuldades

topográficas de acesso, as duas obras cumpriam um objetivo comum: dotar a cidade de acomodações razoáveis para as famílias abastadas. A Ponte Hercílio Luz, o Hotel Majestic e o Hotel Balneário de Canasvieiras⁹, três construções contemporâneas, simbolizavam naquela época, a inserção da capital de Santa Catarina na rota do turismo, pois como lembrou o senhor José Carlos Daux, “o governador achava que com a ponte iria desenvolver o turismo”. Com esses primeiros passos e outros tantos alardes partia-se, em um processo lento mais recalcitrante, para o que anos mais tarde faria de Florianópolis uma das capitais brasileiras do turismo de litoral.

Para que se efetivasse a obra de construção do hotel em Canasvieiras, um grupo de acionista fundou *A Empresa Balneária Beira Mar*.¹⁰ A sociedade era composta de pessoas que pretendiam inaugurar na “Capital do Estado, instalações balneárias” modernas. A finalidade primeira da empresa consistia em conduzir justamente as obras de construção do hotel. O prédio localizava-se aproximadamente, cerca de trinta metros do mar. Mas, alguns anos antes do início das obras, o Governo do Estado de Santa Catarina já veiculava discursos nos jornais em circulação na época, objetivando demonstrar seu interesse em conduzir investimentos públicos para o turismo no litoral norte da Ilha. O jornal, Terra Livre em 1918, publicou o discurso de Hercílio Pedro da Luz, então governador do Estado de Santa Catarina, quando o político fazia referência ao investimento no turismo local:

Seria possível em breve ir de bonde elétrico até Cacupé e Santo Antônio (...) para Canasvieiras e Ingleses. Isso quer apenas dizer que a toda essa zona agora pobre, vai transformar-se da noite para o dia, na prosperidade e na riqueza que lhe hão de levar as novas atividades (...) caberão a Canasvieiras e Ingleses a preferência para a instalação de uma estação balnear.¹¹

Assim, no dia 12 de outubro de 1929 em Canasvieiras, “era lançada a pedra fundamental” do Hotel Balneário de Canasvieiras, cuja nota de jornal prometia o seguinte:

Será hoje, oficialmente assentada a primeira pedra do edifício do Hotel que a Beira Mar mandou construir na linda praia de Canasvieiras.

Os convidados foram conduzidos, aquela aprazível praia, em altos postos a disposição pela directoria da referida Empresa.

Amanha, detalhadamente, daremos minuciosa noticia a respeito.¹²

Posteriormente, no dia 28 de agosto de 1930, o jornal *A Semana* publicou uma foto do hotel ainda em construção na primeira página, cuja manchete dizia o seguinte:

Um dos notáveis melhoramentos da nossa capital é o Balneário de Canasvieiras, construído pela iniciativa brilhante de um grupo de capitalistas, á cuja frente se acha o Sr. Coronel Pedro Lopes Vieira.

Situado n'uma das nossas encantadoras praias há pouca distancia do centro da nossa 'urbs', o Balneário com o conforto que val offerecer, será uma estação preferida pelos touristes, que dérem o prazer denos visitar.

A construção desse melhoramento deve-se a ação altamente realizadora do Sr. Lopes Vieira, presidente da Empresa Balneário, que mais uma vez pôz á usos seus méritos de administrador.¹³

Durante a época das articulações que deram início aos projetos turísticos a serem implantados em Santa Catarina, quem governava o Estado era o senhor Hercílio Pedro da Luz. Sua administração ocorreu por três mandatos não consecutivos, 1894/1898 – 1918/1922 – 1922/1925. Apenas a partir do segundo mandato é que passou a declarar sua intenção de transformar a região norte da Ilha em estação balneária anexando a construção do referido hotel.

O governo do senhor Hercílio Pedro da Luz foi fortemente marcado pelo surgimento de concessões públicas¹⁴, o que, possibilitou a integração de várias regiões interioranas pelo Estado. Contudo, sua obra mais expoente em Santa Catarina, é a Ponte Hercílio Luz que, a partir de sua inauguração em 13 de maio de 1926, possibilitou a integração entre ilha e continente, facilitando o acesso, que outrora acontecia através de balsas. Segundo as reflexões do historiador Sandro da Silveira Costa, a ponte Hercílio Luz “transfigurou”¹⁵ a cidade, pois sua construção exigiu alterações urbanas percebidas ao longo da década relativa à inauguração.

Para administrar a obra do hotel em Canasvieiras, fora destacado o senhor Pedro Lopes Vieira que também era Comandante Geral da Força Pública de Santa Catarina, mais conhecido como Coronel Lopes Vieira. O referido coronel era natural de Alagoas, região nordeste do Brasil e esteve à frente da corporação, em Santa Catarina, entre julho de 1925 até novembro de 1930. “Vinha de recente e brilhante participação nas operações de combate ao movimento revolucionário que se iniciara em São Paulo no ano anterior”¹⁶, comenta o Juiz Edmundo J. Bastos no livro *No Tempo do Coronel Lopes*, sendo que o mesmo agregou ao cargo de comandante o de administrador das obras do hotel. Para o Juiz Edmundo Bastos o Coronel foi um ativo empreendedor tanto da Força Pública, como no ponto de vista das idéias e incentivos na administração pública para o turismo o que culminou nas obras do Hotel Balneário de Canasvieiras. Foi idéia do Coronel capacitar os praças para aprenderem uma língua estrangeira, para tanto, cada soldado acrescentaria no uniforme a insígnia do país cujo idioma estudava, sendo assim, o turista que escolhesse Florianó-

polis como local de férias, teria nos soldados uma identificação com sua origem, o que em certa medida possibilitaria a sua permanência na cidade. Não se sabe ao certo, mas provavelmente, com tantas demonstrações de habilidades administrativas e visão empreendedora lhe acarretaram o crédito definitivo que o tornou apto a administrar as obras do hotel na distante Canasvieiras.

Na visão do governo do Estado, tratava-se de uma obra inovadora, e prometia ser um marco de referência dali para a frente. Diante da relevância do empreendimento foi contratado também um engenheiro italiano para empregar seus conhecimentos naquela construção. É o que informa a seguinte nota no jornal *A Semana*: “A diretoria da empresa Balnear de Canasvieiras contratou um hábil construtor civil senhor Remo Corsini, pela quantia de 132 contos de réis, para a construção do balneário. Esse notável melhoramento deverá ficar terminado em fins do corrente ano.¹⁷ A respeito da contratação do engenheiro Corsini, o senhor José Carlos Daux, afirmou que, “quando o Hercílio Luz construiu a ponte ele trouxe da Itália um construtor chamado Corsini. Este ganhou uma gleba de terras para fazer o Hotel Balneário de Canasvieiras”. Não se encontram documentos nos arquivos do Estado, ofícios, cartas e notas que se possa inferir se o engenheiro afinal ganhou as terras onde colocou o hotel, ou houve uma permuta. Isto é, além do pagamento de 132 contos de réis, ele também recebeu uma parte em terras. O engenheiro poderia perfeitamente fazer parte da sociedade que iniciou as obras do hotel. O fato é que a empreiteira Corsini & Irmão sacramentou vários contratos em Santa Catarina, nos governos conhecidos como Primeira República ou República Velha.¹⁸

Pressupõe-se então que a sociedade fundada para a construção do hotel em Canasvieiras agregava civis assim como detinha participação acionária o próprio Estado. Como já se demonstrou, as iniciativas por parte do Estado em relação ao turismo em Florianópolis, tomaram forma pela primeira vez a partir de 1918, através do discurso de Hercílio Luz, quando chamava a atenção para a necessidade de criar estações balneárias, objetivando transformar a região norte da Ilha, naquela época isolada, em prospera no futuro. Todavia, pelo que se pôde observar, as providências práticas no sentido de aplicar a infra-estrutura necessária ocorreram somente na administração do sucessor de Hercílio Pedro da Luz, o governador Adolpho Konder, que governou entre 1926 e 1930. De acordo com as memórias do senhor Carlos Mateus da Silva, “aquele Balneário foi feito pelo Dr. Adolpho Konder”.

Procurando investigar sobre a ligação que a comunidade tinha com a cidade nos anos de 1930, verifica-se que os moradores se deslocavam poucas vezes até o centro da cidade. Na época, da construção do hotel a antiga Canasvieiras era auto-suficiente, necessitando apenas do sal e querosene, combustível que

utilizavam nas lamparinas, necessária para os trabalhos a serem desenvolvidos a noite, realizadas no interior das residências pelas mulheres. A este respeito recordou a senhora Maria Salomé Vieira, “de noite em casa, os homens saíam, iam pra casa dos amigos, eu e minha irmã ficávamos fazendo renda até o galo cantar. Porque a gente se vestia da renda”, a senhora Adelina Severiana Bitencourt também relembrou que, “fazíamos muito crivo também, a toalha já vinha riscada da casa porto. Quando chegava na colheita da cebola, a gente trabalhava a noite na renda e de dia na cebola (...) as pessoas não saíam, tanto que tinha gente que não conhecia a cidade né, porque a gente só ia na cidade numa necessidade”, ao que completa o senhor Carlos Mateus da Silva, “ia pra cidade remando numa canoa com três pessoas, tinha numa rampa no mercado (...) quando a gente não conseguia chegar ficava na Praia de Fora [atual Beira Mar Norte] e descarregava o peixe, ou então levava de cavalo e carroça pro mercado”.

As narrativas colhidas com os moradores da comunidade demonstraram que no início do século XX, durante a construção do hotel, existia um precário acesso de ligação entre Florianópolis e Canasvieiras. Partindo-se da região norte da Ilha rumo a Florianópolis, contava-se com uma picada sinuosa. Nesse sentido, o senhor José Carlos Daux afirmou que o engenheiro Corsini, além de ganhar um pouco de terra, “ganhou também a estrada que liga Florianópolis a Canasvieiras”. A expressão “ganhou a estrada”, provoca um estranhamento inicial. A abertura da atualmente conhecida rodovia SC 401, que liga Florianópolis à região norte da Ilha, não teria surgido de uma concessão. Representou, todavia, mais um incentivo por parte do governo estadual no sentido de efetivar o projeto de urbanidade gestado para a região.

O acesso no interior da comunidade, ou seja, a maneira como os moradores alcançavam o mar, acontecia através da única rua conhecida, o Caminho do Rei. Assim, a estrutura urbana da comunidade também passou por algumas mudanças, como relembrou o senhor Carlos Mateus da Silva, comentando que:

Nessa época ainda não tinha nenhum acesso pra praia, naquele tempo não tinha. Era tudo mangue, tinha uma *pinguela*¹⁹. Aquilo foi tudo aterrado com carro de boi, a barreira de onde tiravam o barro pro aterro era do Manoel Luiz (...) ali tinha uma casa grande, ele deu o barro. Naquela época todo mundo foi trabalhar lá.

A obra de construção do hotel sofreu inúmeros percalços no início, sendo interrompida durante a Revolução de 1930. O Comandante Coronel Lopes Vieira posicionou-se, junto com o Governador Adolpho Konder, em favor das oligarquias cafeeiras ancoradas na política representada pela República Velha. Assim, em

novembro de 1930 o delegado da revolução vitoriosa, Coronel da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, Amadeu Massot assumiu o comando em Santa Catarina. O já citado Juiz Edmundo José de Bastos, registra o seguinte:

O Coronel Amadeu Massot, que assumiu o cargo em 06 de novembro de 1930 (...) foi executor de odiosas e mesquinhas represálias contra a corporação cuja resistência ao movimento só cessara quando não havia governo legal a defender (...) vários foram reformados por incapacidade física (...) outros foram sumariamente demitidos, inclusive o próprio Comandante Geral, Coronel Pedro Lopes Vieira.²⁰

De acordo com a referida narrativa, durante o processo de retomada da estabilidade política, não houve conflito armado propriamente entre as tropas revolucionárias e a resistência em Florianópolis, Mas a cidade esteve sitiada, pois a estratégia dos revoltosos incluiu a retirada de algumas pranchas de madeira, que na época compunha o piso da ponte Hercílio Luz, como também a colocação de rolos de arame farpado na cabeceira, para evitar o acesso das tropas. Ao mesmo tempo, na parte insular, uma tropa do exército fazia trincheira. Entretanto, a notícia da renúncia de Washington Luís, que chegou na cidade através do rádio, enfraqueceu o movimento. Sendo assim, vários correligionários envolvidos no movimento de resistência debandaram, mas o Coronel Lopes Vieira manteve firme sua posição entregando a espada em sinal de recuo da resistência, ao Comandante das tropas inimigas Coronel Amadeu Massot. Este, entretanto, recusou recebê-la, sendo que o Coronel Lopes Vieira permaneceu no poder ainda por alguns dias. Posteriormente, foi demitido da Força Pública Militar.

Com os desentendimentos ocorridos entre o alto comando do exército em razão do posicionamento político do comandante geral, a administração das obras do hotel, até sua conclusão passaram para as mãos do Governo do Estado de Santa Catarina. O senhor Carlos Mateus da Silva afirmou ter visto acontecer um churrasco no hotel quando este ainda estava em construção, ele comentou que:

As primeiras pessoas que inauguraram aquilo foram os gaúchos da revolução de 30, quando os gaúchos chegaram ali, que ganharam a Revolução, ele não tava bem pronto ainda, não tava todo acabado. Então, quando tava a Revolução eles estavam trancados e depois abriam a ponte. Eu também tive lá eu era rapaz. Eu vi. Era tudo gaúcho, mataram boi, tinham lenço encarnado no pescoço e usavam roupa de soldado, tudo de bota também. Nesse tempo o governador era o Adolfo Konder. Depois mais tarde então é que acabaram de fazer o hotel.

Apesar de todos os percalços, tudo indica que o hotel foi inaugurado ainda em 1930, como afirmou o senhor Carlos Mateus da Silva. Entretanto para o senhor José Carlos Daux a inauguração teria acontecido muito antes, lembra ele que, “em 1928 o italiano fez o hotel e faliu. Ninguém procurava aí os padres quiseram comprar pra fazer um retiro. Aí a maçonaria se juntou e comprou o hotel”.

Não há como precisar a data de inauguração do hotel, uma vez que não se encontram documentos escritos que a oficializam. Levando em conta os relatos dos que vivenciaram o evento, os moradores da antiga Freguesia de Canasvieiras e regiões próximas, cujas memórias apontaram que a inauguração oficial ocorreu em 1930, salientando que, mesmo não tendo sido propriamente convidados, compareceram ao evento. É o que destacou em suas lembranças a senhora Adelina Severiana Bitencourt, narrando que:

Foi uma coisa que eu nunca esqueci: a inauguração do hotel e quando botaram a luz no hotel [...] que naquele tempo era de lampião. Teve um jantar, e veio muita gente de fora. Tinham políticos daqui que foram convidados a participar. Nós não participamos, a gente só espiava de fora.

Uma nota publicada no jornal *O Estado*, a coluna intitulada “notas carnavalescas”, convidava a todos para um Soirée Dansante no Balneário Canasvieiras, tendo inclusive publicado a lista de hóspedes para o evento. Aos leitores do jornal o cronista fazia o seguinte convite:

Um grupo de accionistas da Empresa Beira-Mar Ltda está organizando uma soirée dansante no elegante Hotel em Canasvieiras, para a noite de sábado 18 do corrente.

Reina já grande entusiasmo e animação para essa festa que promete revestir-se de extraordinário brilhantismo, dada a alegria com que seus organizadores ultimam os preparativos para sua realização.

Estão sendo organizados blocos carnavalescos que ali se exibirão, enchendo de alacridade o ambiente sadio e vivificador do aprazível balneário.

A parte musical da festa estará a cargo da excelente orchestra Freyesleben Barbosa, que com suas músicas regionais tão bellas e tão nossas, encantarà e deliciarà a todos os foliões da soirée dansante do Balneario.

Já tomaram commodos no Hotel do Balneario, ao que soubermos, as seguintes famílias: Dr. Nereu Ramos, Dr. Haroldo Pederneiras, Dr. Humberto Pederneiras Linemann, Cel. Eugenio Taulois, Raul Simone, Eduardo Santos, Cel. Alincourt Fonse-

ca, Campolino Alves, Jorge Vieiras, Srtas Hilda Dutra e Ica Testa, Fioravante Testa e Nicolau Glavan de Oliveira.

Os omnibus que conduzirão as pessoas ao balneário partirão da Praça XV de Novembro, sábado as 17 horas.²¹

As notícias do funcionamento do primeiro hotel a beira da praia, naqueles tempos, foi acompanhada com interesse pela sociedade florianopolitana. Não é por acaso que se publicava a relação de pessoas da capital que antecipavam suas reservas para o carnaval de 1933. Possivelmente esta nova maneira de aglutinar a elite, foi alterando significativamente a percepção dos florianopolitanos em relação à longínqua praia de Canasvieiras.

Todavia, as premissas de que o hotel aglutinaria as funções de local apropriado para eventos festivos, como também para hospedar turistas não decolaram logo de início, sendo que na mesma década em 1939, “*Santa Catarina: Revista de Propaganda do Estado e dos Municípios*”²², editada em setembro, cujo principal objetivo era reunir numa mesma edição as obras públicas assim como destacar os pontos naturais da ilha referia-se da seguinte maneira ao empreendimento: “O Hotel Balneário de Canasvieiras, instalado com o máximo de conforto e numerosas acomodações acha-se presentemente fechado”²³.

Observa-se que o Hotel Balneário de Canasvieiras logrou diferentes situações em sua trajetória. Primeiramente a construção foi uma iniciativa, como vimos, de um grupo de acionistas, posteriormente, com a Revolução de 30, passou para o controle do Governo Estadual, em seguida, esteve fechado. Por volta de 1940, foi re-inaugurado, momento em que esteve alugado por uma família natural de Canasvieiras. A esse respeito, pontuou o senhor Pedro Alípio Calazans, “quando eu estava em Santos o hotel foi vendido para a senhora Nola, ela era de Canasvieiras”, ao que confirma a senhora Adelina Severiana Bitencourt, lembrando que na época do aluguel do prédio por parte de uma família local, chamou a atenção dos moradores e regiões próximas o fato do hotel ter sido inaugurado a noite aproveitando a demonstração de energia própria. Como ela narrou:

Quando o hotel esteve alugado, colocaram o catavento para ter energia, era uma coisa assim, eu sei que foi muito bonito, foi uma nova inauguração, veio muita gente também, porque ficou uma cidade. Era assim, aquele trecho todo, tudo tinha poste, lâmpadas, veio muita gente de Florianópolis para ver. A inauguração foi de noite, mas a primeira foi de dia.

De acordo com as narrativas dos moradores da antiga Freguesia de São Francisco de Paula de Canasvieiras, no início do século XX a orla marítima era conhecida como o lugar dos pobres e das prostitutas que marginalizados viviam

em seus ranchos de pau a pique a beira mar. Com o passar dos anos, tais referências apresentam certa alteridade na própria visão daqueles que vivenciaram as transformações urbanas ocorridas a partir da construção do prédio destinado a receber turistas. Curiosamente, os antigos moradores ao citarem o território próximo ao mar, ancoram suas memórias no balneário e não a praia de Canasvieiras, isto é, o Hotel Balneário de Canasvieiras constitui-se um marco de referência. Assim, a partir das reminiscências, observa-se dois pontos que, persistentes, voltavam a todo o momento nas narrativas. O saudosismo que os remetia ao tempo passado, onde se destacavam as formas de sociabilidades, o convívio entre os moradores, as maneiras, segundo eles, mais saudáveis de se alimentarem, de se divertirem. E o hotel, que antes mesmo da inauguração a partir da própria construção alterou singelamente a percepção dos moradores em relação ao mar. Com efeito, as obras do hotel, a inauguração, as festas, a primeira iluminação no trecho em frente à praia, o churrasco que anunciou uma novidade comemorativa, bem como a existência de um prédio destinado a receber famílias vindas inicialmente do centro da cidade de Florianópolis, ampliou significativamente as fronteiras do visível. Se outrora aquela construção isolada e soberba, chamava a atenção dos moradores justamente pelo diferencial solitário, ou seja, um prédio rompendo com o imenso vazio arquitetônico, hoje em dia e ainda em atividade, transformou-se em uma pequena construção antiga, depois do surgimento de inúmeros outros hotéis e edifícios que o cercam.

NOTAS EXPLICATIVAS

¹ Jornal O Estado, Florianópolis, setembro 1911, p. 86.

² O Regime Republicano é compreendido pela historiografia atual como um projeto modernizador para a sociedade brasileira, no sentido de reestruturar a relação dos cidadãos em relação à cidade. A implantação do sistema republicano para os idealizadores do projeto remetia a uma ruptura com o antigo sistema imperial. Sobre esse tipo de abordagem em Florianópolis se pode consultar especificamente. FERREIRA, SÉRGIO L. O banho de mar na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis, editora das Águas, 1998. ARAÚJO, Hermes R. de. A Invenção do Litoral: Reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História, PUC, 1989. CHEREM, Rosângela, M. Caminhos para muitos possíveis: Desterro no final do Império. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: USP, 1994.

³ VÁRZEA, Virgílio. Santa Catarina - a ilha. Florianópolis: IOESC, 1994, p. 39.

⁴ FERREIRA, Sérgio L. O banho de mar na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis, editora das Águas, 1998, p.25.

⁵ Jornal Terra Livre, Florianópolis, novembro de 1919, p. 4.

⁶ Com a vinda dos açorianos foram fundadas várias Freguesias, como Lagoa da Conceição, Nossa Senhora das Necessidades (Santo Antônio de Lisboa) 1750, Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão 1831, São Francisco de Paula de Canasvieiras 1835. Na medida que a população foi aumentando e novas levas de imigrantes portugueses foram chegando, novas Freguesias foram sendo fundadas. No século XIX já eram dez no total. Centro de Estudos Cultura e Cidadania. Uma cidade numa ilha: Relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina – CECA. Florianópolis, Insular, 1997, p. 45.

⁷ As narrativas contidas neste artigo foram destacadas das entrevistas concedidas para a pesquisa em nível de mestrado, *Um mar de lembranças: memória e cotidiano na transformação de Canasvieiras em balneário. (1930-1980)*, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁸ Folder do Grupo Daux, gentilmente concedido para esta pesquisa.

⁹ Na cidade do Rio de Janeiro, foi construído o Hotel Glória em 1922 e o Copacabana Palace logo em seguida em 1923. Várias medidas foram tomadas no sentido de aproximar os cidadãos das praias da zona sul do Rio de Janeiro, que era preterida pela elite carioca desde o início do século XX. "O concreto armado" que até então, não era muito conhecido no Brasil, possibilitou a construção dos hotéis além de outras obras que abriram o acesso à praia, inaugurando assim, "o gosto pelo mar". BAPTISTA, Paulo F.D. Introdução a uma história da praia no Rio de Janeiro: problemas de acesso balneário – Beira Mar, 1930/1939. Rio de Janeiro: Monografia, UFRJ, 2003, p. 89.

¹⁰ BASTOS, Jr Edmundo. J. No tempo do Coronel Lopes, FCC Edições: Florianópolis, 1981, p. 202.

¹¹ Jornal Terra Livre, Florianópolis, Outubro de 1918, p. 3.

¹² Jornal O Estado, Florianópolis, Anno XV, Nº 4814, 12/10/1929, p. 1

¹³ Jornal A Semana, Florianópolis, 28 de agosto de 1930. Primeira página.

¹⁴ IN: Os governadores de Santa Catarina, Encarte Especial do Diário Catarinense 25/11/1993. p. 24-32.

¹⁵ COSTA, Sandro da S. Op. Cit., p. 90-91.

¹⁶ BASTOS, Jr Edmundo J. No tempo do Coronel Lopes, FCC Edições, Florianópolis, 1981, p. 6.

¹⁸ Sobre as grandes obras contratadas no tempo do Governador Adolpho Konder, consultar: MIRANDA, Antônio L. A penitenciária de Florianópolis: de um instrumento da modernidade a utilização por um Estado totalitário. Dissertação de Mestrado em História: Florianópolis, UFSC, 1998.

¹⁹ Pinguela: viga ou prancha, que atravessada sobre um rio, serve de ponte. IN: BUENO, F. S. Mini Dicionário da Língua Portuguesa, FTD: Edição Revista e Atualizada, 2000.

²⁰ BASTOS, J.J. Edmundo. Polícia Militar: Um pouco de história e algumas histórias. Edição Comemorativa do Sesquicentenário da Polícia Militar, 1985, p. 14.

²¹ Jornal O Estado, Florianópolis, fevereiro de 1933, p. 10.

²³ Ibid, p. 86.